
Em busca de uma psicologia dos processos íntegros: L. S. Vigotski e a ontologia do ser social

En busca de una psicología dos procesos integrales: L. S. Vygotsky y la ontología del ser social

Fabício Santos Dias de Abreu
Centro Universitário Estácio de Brasília
Brasília-Brasil
Patrícia Lima Martins Pederiva
Universidade de Brasília (UNB)
Brasília-Brasil

Resumo

Ao acessar a produção científica de L. S. Vigotski buscamos teorizar sobre as leis que regem o desenvolvimento psicológico do humano em busca de explicar a passagem do ser biológico ao sujeito social. Nosso empenho é compreender as especificidades do psiquismo a partir de três discussões: a) mediação técnica e semiótica; b) inter-relação entre funções elementares e superiores e c) centralidade do outro para o processo de desenvolvimento. Abordamos ao longo do texto que o foco da proposta de Psicologia de Vigotski é a integralidade do humano em seus aspectos biológicos e culturais e que as formas de sentir, agir, pensar, imaginar etc. não são dados apriorísticos, fixos à disposição do indivíduo e que pairam na cultura de forma metafísica, mas se relacionam às condições concretas de vida e sociabilidade. Essas, por seu caráter semiótico, são produzidas e, mesmo quando já convertidas ao interior e compoendo o capital psíquico do sujeito, precisam ser reorganizadas funcionalmente a cada imposição/demanda do meio.

Palavras-chave: Psiquismo; Teoria Histórico-Cultural; L. S. Vigotski.

Resumen

Accediendo a la producción científica de L. S. Vigotski, buscamos teorizar sobre las leyes que rigen el desarrollo psicológico del ser humano, buscando explicar el paso del ser biológico al sujeto social. Nuestro compromiso es comprender las especificidades del psiquismo a partir de tres discusiones: a) mediación técnica y semiótica; b) interrelación entre funciones elementales y superiores y c) centralidad de la otra para el proceso de desarrollo. Abordamos a lo largo del texto que el eje de la propuesta de la Psicología de Vygotsky es la integralidad del ser humano en sus aspectos biológicos y culturales y que las formas de sentir, actuar, pensar, imaginar, etc. no son datos a priori, fijados a disposición del individuo y que flotan en la cultura de manera metafísica, sino que están relacionados con las condiciones concretas de vida y sociabilidad. Estos, por su carácter semiótico, se producen y, aun convertidos ya al interior y componiendo el capital psíquico del sujeto, necesitan ser reorganizados funcionalmente con cada imposición/demanda del entorno.

Palabras clave: Psiquismo; Teoría Histórico-Cultural; L. S. Vygotsky.

1. Introdução

Lev Semionovitch Vigotski (1896-1934), dentre outras tantas alcunhas, pode ser considerado um epistemólogo da ciência psicológica do início do século XX, pois, analisando-a de forma profunda, indicou lacunas nos métodos e concepções e propôs uma viragem epistêmica na forma de se conceber os fenômenos psíquicos. A psicologia, enquanto ciência, era uma neonata, fundada em 1879 por Wilhelm Wundt, e organizava-se de forma incipiente e confusa em uma tentativa de cunhar uma identidade que a separasse das ciências médico-biológicas e da filosofia.

Na tentativa de explicar as especificidades do psiquismo humano, Vigotski expõe que no desenrolar do desenvolvimento cultural do indivíduo há a diferenciação de duas estruturas que se correlacionam. As primeiras, chamadas de primitivas (VYGOTSKI, 2012, p.121), são um todo psicológico natural, determinado pelas peculiaridades biológicas do psiquismo. As segundas “nascem durante o processo do desenvolvimento cultural” (VYGOTSKI, 2012, p. 121) e são qualificadas como “superiores, enquanto representam uma forma de conduta geneticamente mais complexa e superior” (VYGOTSKI, 2012, p. 121): Para Vigotski (2017) aquelas são “produto da evolução biológica” (p. 56), já essas são fruto “do desenvolvimento histórico do comportamento, que conservam sua história social específica” (p. 56).

Nesse ínterim, Vigotski aponta que as teorizações sobre as funções psicológicas superioresⁱ, aquelas tipicamente humanas, foram exploradas de maneira superficial, ambígua e confusa, o que trouxe dificuldades para explicar corretamente as facetas que compõem a personalidade (VIGOTSKI, 1996, 2018; VYGOTSKI, 2012, 2017). A incongruência estava em que as concepções tradicionais desconsideravam o desenvolvimento histórico dos sujeitos, e tentavam descrevê-los majoritariamente por vias naturais – fracionando e afastando o natural-biológico do cultural-social. Nesse contexto, a conduta humana era descrita como análoga ao “desenvolvimento embrionário do corpo, isso é, como um processo totalmente natural, biológico” (VYGOTSKI, 2012, p. 17). A tensão entre os processos orgânicos e os culturais de desenvolvimento colocava a psicologia como “um grandioso quadro atomístico do fracionado espírito humano” (VYGOTSKI, 2012, p. 15) que só poderia ser resolvido pelas vias do materialismo histórico-dialético e do monismo spinozano – bases epistemológicas assumidas por Vigotski na construção de sua teoria. Inspirado por esses princípios, parte-se do pressuposto de que o todo (humano) não se

origina mecanicamente por soma de partes isoladas, mas “que possui suas propriedades e qualidades peculiares, específicas, que não podem se deduzir do simples agrupamento de qualidades particulares” (VYGOTSKI, 2012, p. 121) e que “o todo e as partes se desenvolvem de modo paralelo e conjunto” (VYGOTSKI, 2012, p. 122).

Havia, portanto, um desmembramento mecânico do humano em seus aspectos biológicos e culturais e utilizavam apenas a fisiologia como lei geral para explicar os processos psicológicos, sem considerar a história e a cultura. Era urgente uma proposta científica que saísse do “cativeiro biológico da psicologia e passasse ao terreno da psicologia histórica humana” (VYGOTSKIY, 2012, p. 132). Por mais que se reconhecesse as dimensões sociais, essas eram entendidas como categorias naturais que poderiam ser decifradas a partir dos processos fisiológicos. A grande crítica ao biologismo presente na psicologia estava em que “estudavam a criança e o desenvolvimento das suas funções psíquicas superiores in abstracto, a margem do seu meio social e cultural” (VYGOTSKY, 2012, p. 22), e pela soma mecânica de elementos isolados, com a pujança de uns em detrimento de outros. Portanto, tratava-se de uma ciência antissocial, metafísica e anti-histórica que ignorava como natureza e cultura incidem de formas distintas na constituição do comportamento dos humanos, apesar de formarem uma unidade.

A problemática da relação natureza/cultura é enfatizada na discussão sobre funções naturais/superiores. Pino (1991, 2000, 2005) defende que toda a abordagem de Vigotski sobre essas questões rompe com a noção de dualismo, e propõe a sua superação ao definir que as funções naturais são incorporadas na história humana. Portanto, mais uma vez se ressalta que natureza e cultura não se opõem, mas se inter-relacionam dialeticamente. Assim, “toda a peculiaridade do psiquismo do homem está em que nele são unidas (síntese) uma e outra história (evolução + história)” (VIGOTSKI, 2000, p. 23), ou seja, para se compreender o especificamente humano, é necessária uma proposta de psicologia capaz de articular os dois planos de desenvolvimento: ontogenético, história pessoal, com o filogenético, história da espécie a que pertence.

Nesse cenário, interessava a Vigotski deslindar essas problemáticas que envolviam os processos de desenvolvimento das formas mediadas de conduta e que abarca dois grupos de fenômenos: a) o domínio dos meios externos do desenvolvimento cultural e do pensamento (linguagem, escrita, cálculo, desenho etc.) e b) o desenvolvimento das funções psicológicas superiores. Para ele o incômodo estava em que a psicologia “não

conseguiu dominar a verdade inquestionável de que é preciso diferenciar duas linhas essencialmente diferentes no desenvolvimento psíquico da criança” (VYGOTSKI, 2012, p. 29). O comportamento humano, nesses pressupostos, é o resultado de dois processos específicos que se entrecruzam na ontogênese: por um lado é um ato biológico-natural que conduziu ao surgimento do *homo sapiens* e, por outro, um processo de desenvolvimento histórico-cultural que culminou com a passagem do ser orgânico ao sujeito social.

A aplicação dessa premissa na esfinge que Vigotski buscava decifrar encontra-se na contradição de que o desenvolvimento das funções psicológicas superiores “passa sem que se modifique o tipo biológico do homem, enquanto a mudança do tipo biológico é a base do tipo evolutivo do desenvolvimento” (VYGOTSKI, 2012, p. 31). Para explicar essa assertiva, volta-se ao trabalho social e a necessidade do emprego de instrumentos que substituíram o desenvolvimento dos órgãos naturais. O indivíduo não se encontra mais condicionado a estar no mundo partindo apenas da sua estrutura orgânica, suas ações são ampliadas de forma ilimitada: não possui garras, mas é capaz de criar a faca, não voa, porém, fabrica o avião. Aqui surge uma peculiaridade distintiva no comportamento do humano: a de que seu desenvolvimento cultural “se sobrepõe aos processos de crescimento e maturidade orgânica” (VYGOTSKI, 2012, p. 36) e que “seu cérebro e sua mão estenderam de maneira infinita seu sistema de atividades, ou seja, o âmbito de alcance e possíveis formas e conduta” (VYGOTSKI, 2012, p. 37). O humano torna-se capaz de transformar o processo de resolução de tarefas por uma base qualitativamente nova: consciente e historicizada – a partir do “domínio prévio de si mesmo e organização prévia do próprio comportamento” (VYGOTSKI, 2017, p. 43). Diferente dos outros animais, a partir da reestruturação do seu psiquismo, o humano é competente para planejar a ação, conservar e perpetuar os instrumentos e signos criados para as gerações futuras. Desloca-se da servil dependência ao campo visual imediato e o que outrora eram atos diretos são substituídos por atos mediados. Assim, o sujeito encontra-se capaz de conduzir de forma independente e ativa sua atenção “ao reconstruir sua percepção, liberando com isso um altíssimo grau de sua subordinação à estrutura do campo visual de que dispõe” (VYGOTSKI, 2017, p. 52). O sujeito deixa de ser escravo do campo visual e, ao planejar seu comportamento, “ao mobilizar e generalizar sua experiência anterior para organizar sua atividade futura, passa às operações ativas, espaçadas no tempo” (VYGOTSKI, 2017, p. 41).

Essa capacidade, engendrada pelo trabalho, de operar com signosⁱⁱ e instrumentos possibilita o advento das funções psicológicas superiores, entendida como produto do desenvolvimento cultural da conduta e não apenas como um progresso natural ancorado na biologia. No seu processo de desenvolvimento histórico o humano torna-se capaz de modificar a sua conduta e transforma o que ora era inclinação natural em um comportamento essencialmente cultural. “A cultura origina formas especiais de conduta, modifica a atividade das funções psíquicas, edifica novos níveis no sistema do comportamento humano em desenvolvimento” (VYGOTSKI, 2012, p. 34). Essas novas formas de comportamento surgem apoiadas em determinadas premissas biológicas que são superadas, pois a aparato fisiológico não é mais um limite em si mesmo, tampouco um destino adaptativo. É importante sinalizar que apesar de o desenvolvimento cultural se sobrepor ao desenvolvimento orgânico, esses formam um todo que “somente pela abstração podemos diferenciar alguns processos de outros” (VYGOTSKI, 2012, p. 36) e que “a velha etapa não desaparece quando nasce a nova, mas é superada por ela, é dialeticamente negada por ela, se transporta a ela e existe nela” (VIGOTSKI, 1987, p. 145). Por essas premissas, neste artigo buscamos, ao acessar a produção vigotskiana, teorizar sobre as leis que regem o desenvolvimento psicológico do humano, em busca de entender a passagem do ser biológico ao sujeito social.

2. Mediação técnica e semiótica

Ao ser regido por funções superiores, a experiência do humano no mundo – nas relações existentes entre o comportamento e os fenômenos externos – é redimensionada, pois entre o estímulo que dirige a conduta e a reação do sujeito, aparece um “novo membro intermediário” (VYGOTSKI, 2012, p. 122) que faz com que a operação se constitua como um ato mediado. Esses estímulos são de duas ordens: estímulos-objetos (instrumentos) e estímulos-meios (signos) que “cada um deles orienta e dirige a seu modo – de acordo com suas correlações – a conduta” (VYGOTSKI, 2012, p. 123). Em Vigotski (2012) há a utilização do termo estímulo-objeto para se referir às ferramentas-instrumentos e estímulos-meios para se referir ao signo. Já em Vigotski (1987) utiliza-se os termos “ferramentas ou instrumentos psicológicos” (p. 182), para se referir ao signo e, a técnica, para se referir aos instrumentos (de trabalho). São exemplos de signos: “o idioma, as diferentes formas de numeração e do cálculo; os recursos mnemotécnicos; a simbologia algébrica; as obras de arte; as escrituras; os esquemas, os diagramas, os mapas, os

desenhos, todas as formas possíveis de signos convencionais etc.” (p. 182). O autor alerta que os signos – por sua função de ampliar incomensuravelmente as possibilidades de atuação humana – devem ser “acessíveis para as massas” (p. 186) ou seja, o conhecimento historicamente acumulado deve ter seu acesso democratizado e universalizado a todo o gênero humano.

Por essas vias, o humano torna-se capaz de construir novas formas de ação perante o ambiente, e, dessa forma, inaugura-se um tipo especial de desenvolvimento totalmente novo na história do comportamento, e que proporciona ao sujeito começar a trabalhar com modelos mentais. Isso possibilita, por exemplo, guiar estrategicamente uma guerra por meio de um mapa ou, dito de outro modo, “faz tudo quanto está relacionado com a sua conduta com o emprego de meios artificiais do pensamento, com o desenvolvimento social da conduta e, em particular, com a utilização de signos” (VYGOTSKI, 2012, p. 130). Pino (2000, 2005) parte desta premissa ao defender que o uso de instrumentos e das atividades com signos são dois processos que mantêm relações estruturais e genéticas e que, por mais que tenham especificidades, não podem ser tratados como categorias distintas e independentes, pois é da união desses dois sistemas (dupla mediação), que se constitui a especificidade do humano. Por meio da mediação técnica (instrumento) o indivíduo é capaz de dar uma nova forma a natureza e, só por meio da semiótica (signo), obtém a significação da ação.

Assim, a conduta do indivíduo se organiza a partir de um conjunto de recursos artificiais, criados pelos indivíduos, dirigidos até o domínio de processos psicológicos próprios. “As ferramentas psicológicas são formações artificiais; são sociais por sua natureza e não dispositivos orgânicos ou individuais” (VIGOTSKI, 1987, p. 182) sendo seu principal objetivo governar e organizar os processos humanos de atuação de forma consciente, assim como a ferramenta se orienta a governar as ações sobre a natureza. O signo, orientado para a atuação e ação do psiquismo, transforma o transcurso e toda a estrutura das funções psicológicas superiores analogamente a transformação que a ferramenta permite na realização das funções laborais. Em outras palavras, o signo “recria ou redistribui toda a estrutura de atuação, exatamente igual a ferramenta técnica recria toda a estrutura das operações laborais” (VIGOTSKI, 1987, p. 185). O domínio do signo “eleva sempre a função dada ao grau superior, aumenta e amplia sua atividade e recria sua

estrutura e mecanismos” (VIGOTSKI, 1987, p. 188) e, ao operar por meio dele, proporciona-se ao sujeito um tipo de relação que deixa de ser iminente direta e passa a ser mediada.

Vigotski (2017) explica que entre a esfera natural pura do funcionamento biológico dos processos psicológicos e a esfera superior das formas mediadas de comportamento existe um enorme campo de sistemas psicológicos transitórios: “entre o natural e o cultural na história do comportamento existe o campo do primitivo” (VYGOTSKI, 2017, p. 74). O signo surge como resultado de um complexo processo de desenvolvimento que “reforma radicalmente das funções elementares sobre a base do emprego de signos como meio de organização do comportamento” (VYGOTSKI, 2017, p. 57) e no começo deste existem “formas transitórias mistas” (VYGOTSKI, 2017, p. 76) que “combinam o natural e o cultural no comportamento da criança” (VYGOTSKI, 2017, 2017. p. 19) chamada de etapa do primitivismo infantil.

Pino (2018), na tentativa de deslindar e ilustrar a maneira como ocorre o encontro das funções naturais (biológicas) com as funções mediadas (culturais), faz uso da metáfora do encontro das águas. “Aqueles formando o rio da vida construído pela natureza, estas formando o rio do simbólico, inventado pelo homem” (PINO, 2018 p. 232). No Brasil esse evento é comum em Manaus, capital do Estado do Amazonas, na confluência do Rio Negro com o Solimões que, ao se encontrarem, inicialmente, não se misturam e mantêm suas peculiaridades (coloração, pH, densidade, biodiversidade) mas, depois de um percurso apartados, unem-se e formam uma nova correnteza, o Rio Amazonas. Transpondo esse episódio para o estudo das funções mentais, com os limites típicos da metáfora, é possível dizer que “os rios da vida e do simbólico mesclam-se para dar origem a um novo rio que, sem perder suas características da vida, torna-se uma forma diferente de vida. A vida e o simbólico fundem-se, sem se confundir-se, para constituir a vida humana” (PINO, 2018, p. 232).

Vigotski explica essas questões (da história do desenvolvimento das funções superiores e sua conexão genética com as formas naturais de comportamento) pelo que denomina de história natural dos signos, ao demonstrar que nas formas culturais de comportamento existem as formas naturais e que nunca é importante deixar de sinalizar que “as formas inferiores não se aniquilam, mas se incluem na superior e continuam existindo nela como instância dominada” (VYGOTSKI, 2012, p. 129) sendo “a origem das superiores” (p. 130). Ou ainda: “As formas naturais continuam existindo dentro das

culturais” (VYGOTSKI, 2012, p. 132), “na ontogênese, ambas as linhas de desenvolvimento estão entrelaçadas de forma complicada” (VYGOTSKI, 2017, p. 63) e “a tese de que as mais complexas formações psíquicas procedem das inferiores através do desenvolvimento” (p. 75).

3. A inter-relação entre funções elementares e superiores

Destaca-se que as funções psicológicas superiores não são um segundo plano natural das biológicas, mas constituem “novos sistemas psicológicos que incluem um complicado entrelaçamento de funções elementares” (VYGOTSKI, 2017, p. 64). Ao formar um novo sistema, o psiquismo passa a ser guiado por outras leis e estabelece novas relações funcionais em que as funções superiores se orientam como uma “unidade de ordem superior” (VYGOTSKI, 2017, p. 64) em uma “combinação singular” (p. 64) com as naturais. Assim, as funções superiores não coexistem com as naturais, nem estão por cima delas (ou as sobrepõem): “na realidade, as primeiras penetram até tal extremo nas inferiores e reformam tudo, inclusive as capas mais profundas do comportamento” (VYGOTSKI, 2017, p. 65) formando um novo conjunto estrutural. “Toda forma superior de conduta é impossível sem as inferiores, mas a existência das inferiores ou acessórias não esgota a essência da superior” (VYGOTSKI, 2012, p. 119).

Toda a discussão que é travada aqui sobre as relações estabelecidas entre as funções superiores e as naturais remete ao conceito de superação dialética, tão caro ao marxismo (KONDER, 2008). Nessa concepção existe a negação de uma determinada realidade (funções naturais), a conservação de algo de essencial que existe no dado negado, e a sua elevação a um nível complexo (funções superiores). Para Konder (2008) o movimento da história é sempre marcado pela superação dialética; “em todas as grandes mudanças há uma negação, mas, ao mesmo tempo, uma preservação (e uma elevação em nível superior) daquilo que tinha sido estabelecido antes. Mudanças e permanências são categorias reflexivas, isto é, uma não pode ser pensada sem a outra” (p. 52). Aqui também pode-se evocar a lei da dialética sobre a interpenetração de contrários (ou princípio da contradição) em que, conforme explica Gadotti (1990), a transformação das coisas só é possível porque na sua essência coexistem forças que tendem, simultaneamente, a oposição e unidade. Ou seja, “os elementos contraditórios coexistem numa realidade estruturada, um não podendo existir sem o outro, a burguesia e o proletariado, por exemplo” (p. 26).

Vigotski estabelece que “na medida em que o desenvolvimento orgânico se produz em um meio cultural, passa a ser um processo biológico historicamente condicionado” (VYGOTSKI, 2012, p. 36). A partir de uma defesa de que o natural se historiciza, ou seja, ganha significação, o autor estabelece um enfoque integral para a personalidade, portanto, inaugura um olhar dialético para a até então cisão, ou sobreposição, das dimensões biológicas e culturais e defende que toda a peculiaridade da passagem do ser orgânico ao sujeito social “consiste em que um sistema não substitui simplesmente o outro, mas ambos os sistemas se desenvolvem conjunta e simultaneamente” (VYGOTSKI, 2012, p. 38), mesmo sendo essencialmente distintos. A diferença aqui para a velha psicologia consiste em que para essa não havia diferenças claras entre os processos fisiológicos e culturais, e que este era um desdobramento natural daquele. O novo trazido por Vigotski, apoiado em uma concepção de primazia do todo, consiste em que “o desenvolvimento da criança constitui uma unidade dialética de duas linhas essencialmente diferentes no princípio” (VYGOTSKI, 2012, p. 39). Ou seja, “para que se desenvolvam as funções superiores de conduta, deve dar-se, como premissa, certo grau de maturidade biológica, uma determinada estrutura” (VYGOTSKI, 2012, p. 40). Em síntese, Vigotski buscava fundar uma “psicologia dos processos íntegros” (VYGOTSKI, 2012, p. 98) em oposição ao caráter fragmentário, mecânico e dualista que se apresentava. Assim, a grande defesa de Vigotski era a de que “a linha da formação biológica dos processos elementares e da formação sociocultural das funções psíquicas superiores, de cuja inter-relação surge da história real do comportamento infantil” (VYGOTSKI, 2017, p. 73).

A partir dessas defesas Vigotski (2012) afirma que as diversas formas como se entrecruzam os dois processos determinam a peculiaridade de cada etapa do desenvolvimento. Quando o desenvolvimento de uma das linhas não é suficiente, a fusão de ambos os sistemas é inadequada, “se desloca, se desvia” (VYGOTSKI, 2012, p. 44) e isso pode ser observado na criança com deficiência em que “ambos os planos de desenvolvimento tentam divergir em maior ou menor grau” (VYGOTSKI, 2012, p. 44) e “ambas as linhas não coincidem, divergem, não compõem um processo unido, único” (p. 45). A cultura acumulada pela humanidade (signos, instrumentos, instituições etc.) estruturou-se a partir de um tipo biológico humano considerado hegemônico – sem deficiência. A utilização das ferramentas, no seu desenho funcional, e a operação com

signos “pressupõe, em qualidade da premissa indispensável, a existência dos órgãos e funções específicas do ser humano” (VYGOTSKI, 2012, p. 41).

Essa dificuldade orgânica da criança com deficiência de inserir-se e apropriar-se da cultura não é lida por Vigotski como um destino fatalista que relega ao sujeito um desenvolvimento inferior. Ao contrário, são como um obstáculo que origina formas especiais de comportamento criadas pela cultura que “vem a ser como a continuação cultural das funções psicofisiológicas naturais, semelhante à forma de como às ferramentas são as prolongações dos órgãos” (VYGOTSKI, 2012, p. 42), chamadas de vias colaterais/alternativas de desenvolvimento que ganham sua materialidade na cultural. Essas peculiaridades nas conexões também são percebidas nos casos patológicos. Vigotski (2017) explica que quando as funções psicológicas mediadas se descompõem, como no caso da afasia, por exemplo, “se destrói em primeiro lugar a conexão entre as funções simbólicas e naturais” (p. 65).

4. A centralidade do outro para o processo de desenvolvimento psicológico

O que foi demonstrado até aqui é que a operação com signos, que constitui a base das formas tipicamente humanas, reestrutura as funções psíquicas e suas relações estruturais e interfuncionais. Se os processos naturais são regidos por reações imediatas, os culturais se configuram com a utilização de estímulos que atuam de “forma mediata (signos) devido ao qual seu caráter é indireto” (VIGOTSKI, 2017, p. 56) ou ainda “emprego de estímulos-meios – signos – e devido a isso tem um caráter indireto (mediato)” (VIGOTSKI, 2017, p. 61). O signo, portanto, tem importância decisiva para o desenvolvimento das funções psicológicas superiores que incorporam formas simbólicas de atividade, tais como a leitura, a linguagem, a escrita, o cálculo etc. Esses são considerados formas especiais de comportamento que se originam ao longo do desenvolvimento sociocultural e, diferentemente das funções psicológicas superiores, que se internalizam, aqueles “formam a linha externa de evolução da atividade simbólica” (VYGOTSKI, 2017, p. 57).

A operação com signos possibilita que o comportamento do homem passe de natural a mediado. Para explicar essa premissa utilizaremos a função memória que se expande completamente a partir da utilização de signos externos (como uma fotografia, um nó, uma agenda etc.). Se antes era limitada por se vincular a impressão imediata, agora eleva-se ao utilizar meios autoestimulantes que começam a ser utilizados como “agentes

ativos que dirigem de fora do processo psíquico” (VYGOTSKI, 2017, p. 68). Ou seja: o sujeito não resolve mais a tarefa de forma imediata e a partir dos limites impostos por sua natureza, mas recorre a meios exteriores criando “estímulos artificiais” (VYGOTSKI, 2017, p. 69) que não são dirigidos a outras pessoas “mas a ele mesmo e permitem realizar a recordação com ajuda de um signo externo” (VYGOTSKI, 2017, p. 69). Assim, a transição das operações utilizando signos não apenas faz com que o sujeito passe a dispor de “processos psíquicos de alta complexidade” (VYGOTSKI, 2017, p. 69), mas que abandona a limitada ação da história natural e expande-se a partir de formações históricas de comportamento.

Nesses termos, para a Teoria Histórico-Cultural um dos modos fundamentais de desenvolvimento cultural encontra-se na imitação, que em uma análise simplista pode ser lida como uma mera reprodução duplicada. Porém, nessas premissas, entende-se que a imitação é impregnada de um viés criador e não se aproxima de um transladar literal e mecânico e, se assim o fosse, seria totalmente limitada e não se vincularia às necessidades dos indivíduos de inserção na cultura, pois “as impressões externas sobre o ambiente circundante são hauridas e concretizam-se pela criança por meio da imitação” (VYGOTSKI, 2009, p. 97). Ao tentar imitar determinada ação na tentativa de incorporar os modos de comportamento humano, por exemplo, a criança age de forma deliberada, reelabora e a incrementa a partir de sua leitura, agregando sempre algo novo e autoral. Dessa forma, o processo de imitação pressupõe “uma determinada compreensão do significado da ação do outro. De fato, a criança que não sabe compreender, não saberá imitar o adulto que escreve” (VYGOTSKI, 2012, p. 137), por exemplo. O autor, ao analisar a história do desenvolvimento psicológico, sinaliza que o bebê humano, desde os primeiros dias após o nascimento, se adapta ao meio com a ajuda de pessoas que o rodeiam e que, paulatinamente, vão inserindo-o nos processos sociais. “A transição da senda biológica de desenvolvimento à social constitui o elo central no processo da evolução” (VYGOTSKI, 2017, p. 35) – sendo essa premissa a principal para se entender a história do comportamento em que “o caminho através de outra pessoa é a via central” (VYGOTSKI, 2017, p. 35).

A imitação encontra-se intimamente vinculada à brincadeira infantil, sendo ela “o principal caminho de desenvolvimento cultural da criança e, em particular, de desenvolvimento da sua atividade simbólica” (VYGOTSKI, 2017, p. 19). A base para a

composição da brincadeira são os elementos da experiência anterior, em que as crianças “acabam reproduzindo muito do que viram” (VIGOTSKI, 2009, p. 17), porém não como uma cópia-recordação, mas como uma “reelaboração criativa de impressões vivenciadas” (VIGOTSKI, 2009, p. 17). Por meio de combinações de elementos já experienciados, a criança é capaz de construir uma nova realidade ficcional baseada em seus desejos e afetos e “é essa capacidade de fazer uma construção de elementos, de combinar o velho de novas maneiras, que constitui a base da criação” (VIGOTSKI, 2009, p. 17). A imitação, portanto, é fundamental para o desenvolvimento psíquico, pois “a criança domina um e outro processo de conduta seguindo o exemplo como o adulto domina esse processo” (VYGOTSKI, 2012, p. 337). A criança, ao incluir de forma consciente as ações de outra pessoa em suas intenções de resolução de tarefas, por exemplo, “não só começa a planejar sua atividade na cabeça, mas a organiza no comportamento” (VYGOTSKI, 2017, p. 36). Nesses termos o processo de inserção na cultura não passa apenas pela socialização de “os objetos, mas também os atos” (VYGOTSKI, 2017, p. 36).

Essas discussões inevitavelmente culminam na lei do desenvolvimento do signo e sua inter-relação com a regulação da conduta. Ao operar por meio dela proporciona-se ao sujeito um tipo de relação que, conforme já foi dito, deixa de ser iminente direta e passa a ser mediada. Sua premissa fundamental consiste que a criança, ao longo do seu processo de desenvolvimento, “começa a aplicar a sua pessoa as mesmas formas de comportamento que, ao princípio, outros aplicavam com respeito a ele” (VYGOTSKI, 2012, p. 146) e “me relaciono comigo mesmo como as pessoas se relacionam comigo” (VYGOTSKI, 2012, p. 147), ou seja, ao assimilar as formas sociais de conduta, a criança, por meio de uma inserção ativa na cultura, a transfere para si. Nessa conjuntura o signo foi, em princípio, um meio de comunicação (social e externo) entre as pessoas e só depois passou a ser um mecanismo de regulação da conduta. Assim, pode-se dizer que as funções tipicamente humanas foram, antes de mais nada, relações materiais e reais entre as pessoas.

Para aprofundar nessas questões recorre-se a outro exemplo: o gesto de apontar, qualificado por Vigotski (2012) como “a base primitiva de todas as formas superiores do comportamento” (p. 149). Inicialmente essa ação feita pelo bebê ao tentar pegar um objeto que perceptualmente lhe chama a atenção, é um gesto em si, que por meio do movimento assinala objetivamente o que intenta pegar-conseguir. Porém, na maioria das

vezes, na cultura esse gesto ganha interpretação dos pares e a situação se modifica convertendo-se em gesto para o outro. O fracasso da criança em não conseguir pegar o objeto, mesmo com as sinalizações de vontade materializadas no corpo, produz uma reação no outro (pais, cuidadores etc.) que conferem sentido a situação. “Somente mais tarde, por causa da relação que a criança faz do seu fracassado movimento com toda a situação objetiva, ela mesma começa a considerar seu movimento como uma indicação” (VYGOTSKY, 2012, p. 149).

Inspirado por essa situação, Vigotski (2000) estabelece uma lei geral em que assevera que aquilo inicialmente utilizado como meio de influência sobre os outros, posteriormente passa a ser sobre si: “todo o desenvolvimento cultural passa por 3 estágios: em si, para os outros, para si” (p. 24). Essa premissa, quando aplicada a explicação do gesto de apontar, mostra efetivamente que, aquilo antes estabelecido como relação entre pessoas converte-seⁱⁱⁱ em função mental, pois há uma modificação do próprio movimento, que deixa de ser dirigido unicamente ao objeto e passa a ser orientado ao outro. Portanto, assume a função de meio de relação ao torna-se um gesto para si (que orienta e regula a conduta do bebê). Em resumo: “um movimento de agarrar malsucedido, direcionado para um objeto e que marca a ação; depois a mãe entende-o como indicação; depois a criança começa a indicar” (VIGOTSKI, 2000, p. 24). O que transforma o movimento em gesto indicativo é a significação que o outro lhe atribui, “internalizar o caráter do gesto (signo) que esse movimento adquire pela mediação do outro é descobrir e tornar sua (apropriar-se) a significação que este dá a esse movimento” (PINO, 1992, p. 321). Ainda sobre isso, sintetiza Wallon (1986): “o recém-nascido é um ser cuja totalidade das reações necessita ser completada, compensada, interpretada. Incapaz de efetuar algo por si próprio, ele é manipulado pelo outro e é, nos movimentos desse outro, que suas primeiras atitudes tomarão forma” (p. 161). O horizonte do desenvolvimento, portanto, se concretiza na progressiva inserção da criança no universo do simbólico, que é definidora e constituidora da condição humana.

Nessa circunstância, a criança é a última a tomar consciência do seu gesto que de movimento indiscriminado, ao passar pela significação do outro, torna-se um meio consciente de ação sobre o ambiente. “O gesto indicativo começa a sinalizar pelo movimento que compreendem os demais; somente mais tarde se converte em indicativo para a própria criança” (VYGOTSKI, 2012, p. 149). Para Vigotski o gesto indicativo é

emblemático, pois sintetiza todo o processo de formação da personalidade que “vem a ser para si o que é em si, através do que significa para os demais” (VYGOTSKI, 2012, p. 149). Nesses pressupostos, nunca é tanto reafirmar que para a Teoria Histórico-Cultural “passamos a ser nós através de outros” (Ibidem, p. 149) e que “a personalidade é o social em nós” (VYGOTSKI, 2012, p. 337) ou ainda “através dos outros constituímos-nos. Em forma puramente lógica a essência do processo de desenvolvimento consiste exatamente nisso” (VIGOTSKI, 2000, p. 24). Essa centralidade do outro e do encontro assumida pela Teoria Histórico-Cultural pode ser lida como uma influência da filosofia de Spinoza (2015) ao afirmar que: “dois indivíduos de natureza inteiramente igual se juntam, eles compõem um indivíduo duas vezes mais potente do que cada um deles considerado separadamente. Portanto, nada é mais útil ao homem do que o próprio homem” (p. 169).

Assim, é inegável o argumento de que “toda função psíquica superior passa inevitavelmente por uma etapa externa de desenvolvimento porque a função, a princípio, é social” (VYGOTSKI, 2012, p. 150), ou seja, a função primeiro “constrói-se no coletivo em forma de relação entre as crianças – depois constitui-se como função psicológica da personalidade” (VIGOTSKI, 2000, p. 29). Podemos afirmar, portanto, que as funções superiores, antes de constituírem o sujeito, de lhe pertencerem enquanto propriedade psicológica, foi externa-social, uma relação social entre pessoas que, antes de torna-se um meio de influência sobre si (intrapsicológica), foi um meio de influência sobre outros (interpsicológica).

Por essas premissas Vigotski (2000, 2012, 2017) sintetiza a lei geral do desenvolvimento cultural ao entender que toda função psicológica superior se orienta em dois planos, aparece *em cena* duas vezes: “primeiro no plano social e depois no psicológico, a princípio entre os homens como categoria interpsíquica e logo no interior da criança como categoria intrapsíquica” (VYGOTSKI, 2012, p. 150). Nesses termos, toda função psicológica superior é uma relação social interiorizada, um acontecimento social, translada ao interior e convertida em funções da personalidade como meio para dominar o próprio comportamento, pois “a forma superior de comportamento existe sempre onde se dominam os processos do comportamento próprio” (VYGOTSKI, 2017, p. 92). Destarte, a história das funções psicológicas mediadas manifesta-se como “a história da transformação dos meios de comportamento social em meios de organização psicológica individual” (VYGOTSKI, 2017, p. 62).

Essa proposição encontra sua base epistêmica nas elaborações de Marx (1987), que, na sexta tese contra Feuerbach, defende que “a essência humana não é o abstrato residindo no indivíduo único. Em sua efetividade é o conjunto das relações sociais” (p. 162). Vigotski apropria-se deste princípio e estabelece que o psiquismo é “conjunto das relações sociais transferidas para dentro” (VIGOTSKI, 2000, p. 34). É notório que estas defesas de Vigotski estão intimamente relacionadas ao marxismo, e na tentativa do autor de inaugurar “O Capital” da ciência psicológica, pois, conforme estabelecido por Marx e Engels (2009) “são os homens que desenvolvem a sua produção material e o seu intercâmbio material que, ao mudarem essa sua realidade, mudam também o seu pensamento e os produtos de seu pensamento. Não é a consciência que determina a vida, é a vida que determina a consciência” (p. 32). Essa defesa é encontrada na teoria de Wallon, que também se filia ao materialismo histórico-dialético: “A consciência não é uma célula individual que deve abrir-se um dia sobre o corpo social; é o resultado da pressão exercida pelas exigências da vida em sociedade” (WALLON, 1986,160). Esses argumentos reforçam que o intento teórico-político de Vigotski de consolidar uma proposta de psicologia marxista efetiva-se na Teoria Histórico-Cultural. O autor nitidamente se apropria das contribuições de Marx e Engels voltadas a ciência política e a filosofia para explicar o funcionamento psicológico do humano. “Não quero receber de lambuja, pescando aqui e ali algumas citações, o que é psique, o que desejo é aprender na globalidade do método de Marx como se constrói a ciência, como enfocar a análise da psique” (VIGOTSKI, 1996, p. 395).

O princípio da totalidade, de inspiração marxista, também é percebido nos escritos e defesas de Vigotski. Por mais que se faça abstrações e separações didáticas sobre as funções superiores e o desenvolvimento cultural, em uma tentativa de trabalhar as especificidades dos elementos que a compõem, “a personalidade se desenvolve como um todo” (VYGOTSKI, 2012a, p. 329) em uma integralidade concreta, pois “o concreto é concreto porque é a síntese de múltiplas determinações, isto é, a unidade do diverso” (MARX, 2008, p. 258). Todos os traços que compõem o psiquismo se desenvolvem em um processo de estreita interação e interconexões em que “avançam juntas e se apoiam reciprocamente por todos os meios” (VYGOTSKI, 2012a, p. 329) rumo ao domínio do próprio comportamento – “mas a premissa imprescindível para esse domínio é a formação da personalidade” (VYGOTSKI, 2012a, p. 329). Em uma concepção dialética de psicologia “o

desenvolvimento de cada função específica se deriva do desenvolvimento global da personalidade” (VYGOTSKI, 2012a, p. 329).

As formas mediadas de comportamento – que se organizam originalmente como formas exteriores de conduta apoiadas no signo externo – não é um processo causal nem surgem como continuação direta dos processos elementares, mas “constituem um procedimento social de comportamento” (VYGOTSKI, 2017, p. 78). A conversão dos processos sociais de comportamento ao interior das formas conscientes da conduta não se trata de um processo mecânico, passivo e automático, mas se relacionam a uma mudança de estrutura e operação. Assim, o que outrora era operação externa com o signo – “um determinado procedimento cultural de dominar a si mesmo de fora” (VYGOTSKI, 2017, p. 80) –, transforma-se em uma capa psicológica nova – “incomparavelmente mais elevado pela sua composição e por sua gênese psicológico-cultural” (VYGOTSKI, 2017, p. 80). Nessa linha, Pino (2000) explica que o processo de conversão não é automático e nem marcado pela recepção apática do sujeito em um modelo de determinismo cultural, pois entende-se que “o mais básico consiste em que a pessoa não somente se desenvolve, mas também constrói a si mesmo” (VIGOTSKI, 2000, p. 33).

5. Considerações finais

Para a Teoria Histórico-Cultural, o psiquismo é “algo dinâmico, que está sempre se (re)fazendo em um perpetuo movimento” (PINO, 2000, p. 70). As formas de sentir, agir, pensar, imaginar etc. não são dados apriorísticos, fixos à disposição do indivíduo e que pairam na cultura de forma metafísica, mas se relacionam às condições concretas de vida e sociabilidade. Essas, por seu caráter semiótico, são produzidas e, mesmo quando já convertidas ao interior e compondo o capital psíquico do sujeito, precisam ser reorganizadas funcionalmente a cada imposição/demanda do mundo social ao requerer novas formas de pensar, sentir, lembrar etc. As funções não são entes invariáveis no desenvolvimento da criança, mas realizam uma complicada transformação durante o processo de desenvolvimento que “alteram sua estrutura interna” (VYGOTSKI, 2017, p. 51) e estabelecem “novas relações funcionais” (p. 51).

As mudanças qualitativas, que reestruturam toda a atividade psicológica, engendradas no psiquismo com o processo de conversão das formas culturais de comportamento é classificada, na maioria das vezes, por Vigoski (2012, 2017), como um processo complicado e complexo. Mas, em uma tentativa de síntese ele explica que as

principais marcas dessa operação são: 1) a substituição das funções; 2) a mudança das funções naturais (aqui se refere “aos processos elementares que constituem a base da função superior e formam parte dela” (VYGOTSKI, 2017, p. 81); e, 3) a gênese de novos sistemas psicológicos funcionais “que adotam para si na estrutura geral do comportamento o papel que até então realizavam funções isoladas” (VYGOTSKI, 2017, p. 81).

Neste texto foi demonstrado que a mediação do outro é condição *sine qua non* para o acesso à cultura e, conseqüentemente, para a emergência das funções superiores. Vigotski (2000) estabelece que a personalidade é social e se estrutura por meio da tríade “em si – para os outros – e para si” (p. 32). Pino (2000) aclara essa questão ao explicar que o em si é a realidade biológica do sujeito, algo que é dado pela filogênese, e precede a emergência da cultura; para os outros é o momento que o dado biológico adquire significação para os pares, “momento de distanciamento do homem da realidade em si, a qual se desdobra nele na forma de representação” (PINO, 2000, p. 65); por fim, o para si é o momento da constituição da cultura no indivíduo, quando através do outro ele internaliza a significação do meio. Nesses termos, o desenvolvimento cultural “é o processo pelo qual o mundo adquire significação para o indivíduo, tornando-se um ser cultural” (PINO, 2000, p. 66) em que a significação “é a mediadora universal nesse processo e que o portador dessa significação é o outro, lugar simbólico da humanidade histórica” (PINO, 2000, p. 66).

Abordamos ao longo desse escrito que o foco da proposta de Psicologia de Vigotski é a integralidade do humano em seus aspectos biológicos e culturais: “em verdade, é impossível entender o funcionamento de qualquer aparelho nervoso sem a pessoa” (VIGOTSKI, 2000, p. 32). Vladimir Maiakóvski, o poeta da Revolução Russa de 1917, parece ter compreendido essa premissa quando escreve: “Doravante, eu o sei e qualquer um o sabe./ O coração tem domicílio no peito./ Comigo a anatomia enlouqueceu./ -Sou todo coração./ Em todas as partes pulsa”. Na mesma linha o latino Eduardo Galeano sentencia: “Para que alguém escreve, se não para juntar seus pedaços? Desde que entramos na escola ou na igreja, a educação nos esquarteja: nos ensina a divorciar alma e corpo, razão e coração”. Para Vigotski em sua Teoria Histórico-Cultural não bastava apenas dominar a fisiologia dos processos nervosos para se compreender o psiquismo, mas, atrelado a isso, estudar as condições reais de existência dos indivíduos em todos os dramas e idiosincrasias que a constituem. Sem a pessoa como um todo único, portanto, é

impossível explicar o funcionamento da atividade consciente, pois “a pessoa dirige seu cérebro, e não o cérebro a pessoa” (VIGOTSKI, 2000, p. 38). No indivíduo se fundem, dentro de um mesmo sistema, o cérebro e sua operacionalização racional “em um ser único, estão unidos o telefone e a telefonista, isto é – o aparelho e o manejo dele pelo homem” (VIGOTSKI, 2000, p. 31). Nesses termos, há um total redimensionamento das práticas psicológicas, pedagógicas e médicas que tendem a fracionar os sujeitos ou reduzi-los a uma dimensão essencialmente patológica, pois “não só é importante saber que doença uma pessoa tem, mas que pessoa tem determinada doença” (VIGOTSKI, 1997, p. 134).

Referências

GADOTTI, Moacir. **Concepção dialética da educação**. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1990.

KONDER, Leandro. **O que é dialética**. São Paulo: Brasiliense, Primeiros Passos, 2008.

MARX, Karl. Teses contra Feuerbach. In: Marx, K. **Manuscritos econômicos filosóficos e outros textos escolhidos**. São Paulo: Nova cultura. 1987. p.161-163.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do partido comunista**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

PINO, Angel. As categorias do público e privado na análise do processo de internalização. **Educação e sociedade**, Campinas, v.13, n.42, p. 315-27, Ago., 1992.

PINO, Angel. **As marcas do humano**: às origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev. S. Vigotski. São Paulo: Cortez. 2005.

PINO, Angel. As marcas do humano: pistas para o conhecimento da nossa identidade pessoal. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 39, n. 142, p. 227-236, Jan., 2018.

PINO, Angel. O conceito de mediação semiótica em Vygotsky e o seu papel na explicação do psiquismo humano. **Cadernos Cedes**, v. 24, n. 2, p. 32-43, 1991.

PINO, Angel. O social e o cultural na obra de Vigotski. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 21, n. 71, p. 45-78, 2000.

SPINOZA, Baruch. **Ética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **7 aulas de L. S. Vigotski sobre os fundamentos da pedologia**. Rio de Janeiro: e-papers, 2018.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **Historia del desarrollo de las funciones psíquicas superiores**. Ciudad de Habana: Editorial Científico Técnica, 1987.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. Manuscrito de 1929. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 21, n. 71, p. 21-44, 2000.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **Teoria e método em Psicologia**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. **Obras Escogidas III** – Problemas del desarrollo de la psique. Madrid: Machado Libros, 2012a.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. **Obras Escogidas VI** – Herencia científica. Madrid: Machado Libros, 2017.

WALLON, Henri. O papel do outro na consciência do eu. In: WEREBE, M. J.; NADELBRULFERT, J. **Henri Wallon**. São Paulo: Ática, 1986. p. 158-167.

Notas

ⁱ Em sua obra, Vigotski colocam-nas como sendo: atenção voluntária, imaginação criadora, memória lógica, vontade previsor (VYGOTSKI, 2012, p. 19), pensamento verbal, formação de conceitos (VYGOTSKI, 2012, p. 33), processos emocionais complexos (VYGOTSKI, 1987, p. 192), movimento (VYGOTSKI, 2017, p. 57 e p. 60), atenção voluntária, memória lógica, pensamento abstrato, formação de conceitos, livre arbítrio (VYGOTSKI, 1997, p. 187).

ⁱⁱ O signo ocupa lugar de destaque nas teorizações de Vigotski (2017) sobre as funções psicológicas mediadas e afirma que, a sua operacionalização e utilização, é o “momento central e principal na organização de qualquer função psíquica superior” (p. 67). Mas sempre é importante recordar que nossas premissas se assentam em interpretações dialéticas e que, por mais que o instrumento, meio responsável pela modificação da natureza, tenha uma ação externa, é somente em uma dimensão simbólica que seu uso ganha significação. Essa interpretação é referendada por Vigotski (2017) ao defender que a operação com signos “o traço comum a todas as funções psíquicas (inclusive o emprego de instrumentos)” (p. 67).

ⁱⁱⁱ Nas traduções espanholas é comum a utilização dos termos transferência, conversão, interiorização ou enraizamento para a referência a esse processo – “função se enraíza, ou seja, passa para o interior” (VYGOTSKI, 2017, p. 20); “ao converter em individuais” (VYGOTSKI, 2017, p. 21); “antes de se interiorizar definitivamente” (VYGOTSKI, 2017, p. 22); “atividade social movida para o interior do sujeito” (VYGOTSKI, 2017, p. 41). Neste trabalho empregaremos o termo conversão, apoiados nos argumentos de Pino (2000), salvo em citações literais. Para ele conversão é a palavra mais adequada, pois: 1) na física refere-se a mudança de um corpo de um estado a outro (conversão de sólido a líquido); e, 2) no uso comum designa mudanças extremas que uma pessoa pode passar no campo das ideias (conversão a uma religião, a posições políticas etc.). Em ambas as acepções há a emergência de um novo a partir de algo que, na essência, continua o mesmo, porém qualitativamente diferente (a água não deixa de ser água quando passa do estado líquido ao

gasoso, mas há uma radical mudança em sua estrutura). “A conversão implica uma diferença de uma semelhança” (PINO, 200, p. 68), pois, ao internalizar as relações sociais, há uma conversão das relações físicas entre pessoas para a esfera privada-individual do sujeito. Na interpretação de Pino (2000), esse processo implica (ao mesmo tempo) mudanças de estado – mundo público para o mundo privado – e de sentido – processo de significação das relações sociais para o indivíduo.

Sobre os autores

Fabrcio Santos Dias de Abreu

Pedagogo, Mestre em Psicologia do Desenvolvimento e Doutor em Educação pela Universidade de Brasília (UnB). Professor da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF) e do Centro Universitário Estácio de Brasília. E-mail: fabra201@gmail.com
Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-3055-5704>

Patrícia Lima Martins Pederiva

Musicista pela Universidade de Brasília (UnB), Mestre em Educação pela Universidade Católica de Brasília, Doutora em Educação pela UnB. Professora da Universidade de Brasília. E-mail: pat.pederiva@gmail.com Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-4434-6671>

Recebido em: 27/02/2023

Aceito para publicação em: 24/09/2023